

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA PARA O ENSINO
MÉDIO

LUANA EDUARDA DE MOURA MACHADO

ABORDAGENS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA OBRA DE
FOUCAULT: VIGIAR E PUNIR

CERRO AZUL

2015

LUANA EDUARDA DE MOURA MACHADO

**ABORDAGENS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA OBRA DE
FOUCAULT: VIGIAR E PUNIR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio, ao Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como trabalho de conclusão de curso para obtenção do Título de Especialista em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio.

Orientador: Prof.^o Ms. Wilson de Oliveira.

CERRO AZUL

2015

LUANA EDUARDA DE MOURA MACHADO

**ABORDAGENS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA OBRA DE
FOUCAULT: VIGIAR E PUNIR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Paraná,
como requisito para obtenção da conclusão do Curso de Especialização em Ensino
de Filosofia para o Ensino Médio.

Comissão Examinadora

Prof.º _____

Prof.º _____

Prof.º _____

Cerro Azul, 21 de dezembro de 2015.

À todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Aos meus pais, que me ensinaram a importância do estudo e do conhecimento.

Aos professores e alunos do Ensino Médio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, que me permitiu e me deu forças para realizar com dedicação e muito empenho dois cursos de especialização ao mesmo tempo.

A toda minha família pela compreensão nas vezes em que não estive presente por motivos acadêmicos, sempre me incentivando na busca do crescimento pessoal e profissional, exemplos de determinação e garra.

Ao Prof.º Ms. Wilson de Oliveira, orientador desta pesquisa para conclusão do curso de Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio por seu apoio, motivação, sabedoria, compreensão, competência e exigência durante as orientações, correções, revisões e sugestões (principalmente pela paciência), contribuindo para seu término.

Ao Prof.º Ms. Daniel Laskowski Tozzini, coordenador de tutoria do curso de Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio por sua constante motivação, acompanhamento e complementações para a efetivação de minha aprendizagem.

Ao Prof.º Dr. Tiago Fonseca Falkenbach, coordenador do curso de Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio, pela possibilidade de realização do curso.

A todos os professores e tutores do curso de Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio que me ensinaram com total excelência ao longo desses períodos.

Aos meus colegas de curso pela oportunidade de compartilhar suas ideias, onde todos enriquecemos.

[...] O que seria de uma orquestra, se cada músico tocasse o que quisesse? Se não houvesse disciplina? Ela é necessária. E deve ser analisada como um meio e não um fim

[...]

VASCONCELLOS, 1994.

RESUMO

O presente estudo revela as abordagens para o ensino de Filosofia a partir da obra de Foucault: Vigiar e Punir. A pesquisa buscou promover a reflexão acerca do conceito de disciplina para a apresentação e trabalho no Ensino médio. Para a análise dos dados seguiu-se as ideias de Guido; Gallo; e Kohan (2013). Também buscou-se apoio teórico nos estudos de Foucault (2009), Chaui (2010), Alves (2002), Araújo (2009), Candiotto (2014), Habermas (1987), Rouanet (1997), Branco (2015), Pires (1999) e Carvalho (2013), entre outros. Foram analisadas ainda as normatizações para o ensino de Filosofia no Ensino Médio através da contextualização de várias abordagens para o ensino da disciplina. Enfim, o tema foi escolhido em função da relevância do autor, considerado à frente de seu tempo. O presente estudo apresenta uma das possíveis alternativas para o ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Palavras-chave: Problemas Filosóficos; Ensino Básico; Metodologia Ensino de Filosofia; Disciplina; Relações de Poder.

ABSTRACT

This study reveals the approaches to the teaching of philosophy from the work of Foucault: discipline and punish. The research sought to promote reflection on the concept of discipline for the presentation and work in high school. For the analysis of the data followed the ideas of Guido; Gallo; and Kohan (2013). It also sought to theoretical support in Foucault's studies (2009), Chaui (2010), Alves (2002), Araújo (2009), Candiotto (2014), Habermas (1987), Rouanet (1997), White (2015), Saucer (1999) and Carvalho (2013), among others. We also analyzed the norms for teaching philosophy in high school through the contextualization of various approaches to the teaching of the discipline. At the bottom line, the theme was chosen because of the relevance of the author, considered ahead of its time. This study presents one of the possible alternatives to teaching of philosophy in high school.

Key-words: Philosophical problems, Elementary School, Methodology of teaching philosophy, disciplin, power relations

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DE FOUCAULT	12
2.1 A DISCIPLINA EM FOUCAULT	14
2.1.1 Normalização do indivíduo pela disciplina.....	17
2.1.2 Técnicas disciplinares e dispositivos de segurança.....	18
2.1.3 Relação das instituições prisionais e escolares.....	20
3 FOUCAULT E O PODER	22
3.1 O QUE É CERTO É CERTO OU POR QUE SE É VIGIADO?	23
3.2 A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA PARA A SOCIEDADE	26
3.3 REFLEXÕES SOBRE A DISCIPLINA NA ESCOLA	27
4 A DISCIPLINA E O PODER EM FOUCAULT NA SALA DE AULA.....	29
5 ANÁLISE DO DADOS PESQUISADOS.....	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo busca promover a reflexão sobre o conceito de disciplina a partir da obra "Vigiar e Punir", de Michel Foucault nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, dado que o professor de Filosofia reformula os saberes de referência transformando-os em conhecimento escolar, mesmo que esse processo seja considerado por alguns estudiosos muito aquém do que seria a Filosofia e seu ensino. O educador muitas vezes acomoda-se e simplesmente transmite o que outros produziram ou então associa clássicos filosóficos com os demais materiais disponíveis (livros didáticos, entre outros), pois ao mesmo tempo em que entrega algo "mastigado" aos alunos, também os mobiliza para uma compreensão aprofundada.

Para ensinar a pensar filosoficamente, assim como em outras disciplinas, é necessário um ponto de partida ou uma mobilização e em seguida apresentação de conceitos, propondo também pensar-se dialeticamente. Portanto é primordial que além de apresentar de forma prazerosa e instigante a temática a ser abordada, o professor correlacione o trabalho em sala de aula com a filosofia e os filósofos – estes que de uma forma particular compreendem o mundo e utilizam a linguagem para explicitá-lo e explicá-lo partindo das primeiras pistas e considerações para a busca dos porquês, enunciando problemas, exercendo a Filosofia, construindo um discurso filosófico, formulando e reformulando questões e por fim apresentam possíveis desdobramentos para a solução de problemas para os adolescentes.

A primeira abordagem com os adolescentes do Ensino médio é para se aproximarem da obra supracitada e em seguida realizem reflexões sobre o que o livro traz em relação ao conceito de disciplina, dos relatos da origem do modelo repressor estatal atual, das aplicações das penas, dos processos de poder, das relações da sociedade capitalista e do suplício, pois ao trazer para sala de aula esses assuntos estamos semeando em nossos alunos (mesmo que implicitamente) o ato de desenvolver o pensamento filosófico. Com o tempo sentirão prazer e necessidade constante de tal prática, principalmente quando buscada nas demais ciências. O que de acordo com Chauí (2010, p. 10):

Ela é necessária às ciências, uma vez que estas admitem a existência da verdade, a necessidade de métodos para o conhecimento ou de procedimentos corretos para o bem usar do pensamento, e, sobretudo, confiam na racionalidade dos conhecimentos, isto é, que são válidos não só porque explicam os fatos, mas também porque podem ser corrigidos e aperfeiçoados.

Porém outros dizem que a Filosofia não pode ser encontrada como fundamentação do conhecimento verdadeiro, mas sim em ensinamentos morais ou éticos. O fato é que recebemos conjuntos de regras ao longo de nossas vidas e dificilmente procuramos encontrar tal veracidade destas informações. No entanto devemos considerar a divergência de opiniões entre um mesmo arranjo familiar ou então entre grupos de amigos, e por consequência a ideia de duvidar onde as certezas abalam-se. Por sua vez surge a indagação, conforme a autora supracitada:

Ao tomar essa distância, começaria a indagar a respeito de si mesmo para entender por que cremos, no que cremos, por que sentimos o que sentimos, por que fazemos o que fazemos e o que são nossas crenças, nossos sentimentos e nossas ações. Esse alguém estaria começando a adotar o que chamamos de **atitude filosófica** ou a decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores de nossa existência cotidiana, nem a validade inquestionável de nossos comportamentos e dos outros (CHAUI, 2010, p. 15).

Assim, compreende-se que a Filosofia busca a promoção de questionamentos e o encontro de suas respostas, não simplesmente na aleatoriedade ou do senso comum, mas de temáticas relevantes a sociedade de forma geral. Por exemplo, o que é a moral? o que é a virtude? o que é o belo? entre outros.

O ensino de Filosofia, após várias idas e vindas ao currículo da educação básica (mais especificamente no Ensino Médio), é reconhecido pela legislação brasileira, que enfatiza e reconhece sua efetividade através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9394/96) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Entretanto conforme Alves (2002, p. 109-110):

[...] Em outras palavras, devemos mostrar o que a filosofia tem a oferecer do ponto de vista do ensino e da aprendizagem que as demais disciplinas do currículo não oferecem, ou, se o fazem, que isto ocorre de forma indireta, superficial e ocasionalmente.

E ainda, “se destacamos a filosofia, é porque entendemos que ela pode contribuir significativamente no processo do ensino e da aprendizagem no nível básico” (ALVES, 2002, p. 110). Principalmente em relação a aproximação e a compreensão dos jovens aos filósofos baseados em diversos princípios, sem os

quais certamente não teriam contato se não fosse o ensino de Filosofia no Ensino Médio. Um exemplo disso, é a temática central da disciplina, da qual os alunos poderiam egressar sem conhecê-la ou então até mesmo sem compreender sua essência. Segundo Foucault (2009, p. 125):

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é portanto nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a opção na *fila*: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente (FOUCAULT, 2007, p. 125).

E ainda conforme aborda Foucault (2009, p. 143):

A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente.

Desta forma os alunos terão subsídios para refletirem sobre a importância da disciplina na vida das pessoas, ou seja, em suas vidas de forma geral, sempre com as problemáticas: "saber é poder?"; "Fazer o que é certo porque é certo ou por que alguém está vigiando?". Associando os problemas filosóficos aos acontecimentos da vida cotidiana do aluno, busca-se a efetivação da proposta inicial de análise em relação à disciplina.

2 O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DE FOUCAULT

[...] Se destacamos a filosofia, é porque entendemos que ela pode contribuir significativamente no processo do ensino e da aprendizagem no nível básico. Então, em nenhum momento deve ficar a impressão (falsa) da filosofia como um “supersaber”: algo acima ou superior às demais disciplinas do currículo; e nem o inverso: algo inferior, irrelevante, por isso, prescindível (ALVES, 2002, p. 110).

As leituras relacionadas à prática do ensino de Filosofia no Ensino Médio proporcionam a assimilação da importância desta. Porém, é preciso esclarecer que esta não deve ser concebida como salvadora da educação de forma geral, pois na maioria das vezes atrela-se tal significação visto que a qualidade do ensino diz respeito a todos que estão envolvidos no processo e não em uma única disciplina do currículo.

É importante lembrar que ao referir-se ao ensino de Filosofia esta oferece aos alunos a reflexão de problemáticas relacionados às sociedades, o que tem em comum e suas divergências – assimilando e acomodando cognitivamente tais conceitos. Valoriza a humanidade e a defesa dos povos, suas relações e o respeito mútuo à todas as sociedades. E para seu ensino, busca-se diversas alternativas, a fim de que se preconize além da ideologia, também a aprendizagem. Conforme Alves (2002, p. 117):

Trabalhar conteúdos em sala de aula não implica uma agressão ao indivíduo e à sua consciência, como se ele fosse apenas depositário de um saber que hipoteticamente não possui, e sim consiste em munir esse educando de elementos teóricos metodológicos para que ele faça a crítica de si mesmo e do seu mundo, no sentido de auxiliá-lo a tomar consciência de si, do próprio pensamento, do que pensa e por que pensa o que pensa e a partir de quê pensa.

O ensino de Filosofia pressupõe a formação para a cidadania, projetando-se muito à frente da perspectiva do reconhecimento de direitos, tratando-se de um processo formativo no qual reúne características necessárias para tornar-se forte individualmente, consciente e compreender-se como parte integrante da sociedade, com atributos de pensar e agir com autonomia. Sendo assim, o ensino de Filosofia atualmente inspira-se em uma nova maneira de pensar, desafia professores e alunos ao confronto de ideias, aos debates racionais bem fundamentados em clássicos filosóficos. Mas nem sempre foi assim, ao abordar o ensino de Filosofia a partir de Michel Foucault o autor além de contextualizar o modelo repressor estatal

também remete ao avanço do Capitalismo, da necessidade de adotar o corpo como parte de um mecanismo produtivo, treinado, disciplinado e útil. Ou seja, inicia outro tipo de poder: o poder disciplinar, de vigiar, de punir, de adestrar, que é perfeitamente ajustável aos aspectos econômicos do capitalismo (ARAÚJO, 2009, p. 219).

E ainda segundo Araújo (2009, p. 220) baseada nas entrevistas de Foucault, diz que:

[...] o capitalismo exige mecanismos disciplinares para que haja governo; a normalização dos indivíduos separa os que são aptos para o trabalho, para o tipo de trabalho que a indústria requer. Este poder funciona de modo eficaz se forem usados recursos que escolas, prisões, quartéis, fábricas e hospitais têm de separar, escalonar o tempo através de atividades, moldar e capacitar crianças para os exercícios escolares, treinar operários e soldados, vigiar prisioneiros. Tudo isso através de controle e de exames que permitem detectar quem é o normal, quem é o anormal. Este tipo de poder difere do poder jurídico e do poder do estado, seus efeitos são muito diferentes da dominação de classe, que é econômica.

Assim, usa-se estratégias de separação. Exalta-se a eficiência e a ascendência para situar saberes e práticas que têm efeitos de poder, na medida em que servem para adestrar, controlar, examinar, produzir comportamentos com o intuito de maior produção. O que na verdade, o sujeito é coibido por práticas de vigilância e punição que excluem, controlam e disciplinam (ARAÚJO, 2009, p. 223-224).

Como comprova Foucault (2009, p. 117-118):

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. O grande livro do Homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros: no anátomo-metafísico, cujas primeiras páginas haviam sido escritas por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos relfetidos para contolar ou corrigir as operações do corpo.

Entretanto, é possível compreender que ao controlar mantém-se as pessoas ativas e saudáveis, fator este, primordial para promoção do capitalismo, originando uma sociedade disciplinar: indivíduo examinado, disciplinado, adaptado aos aparelhos de produção, cura e instrução. E o pensamento de Foucault, de acordo com Araújo (2009, p. 225):

[...] leva à crítica de nossa sociedade, à reflexão sobre a condição humana, mostra que a violência e o poder não são imediatamente visíveis, mas também não são escamoteados ou escondidos como as ideologias. Pelo contrário, são práticas que regulam o que alguém diz e a quem diz, em que circunstâncias. Não há verdades evidentes, todo saber foi produzido em algum lugar, com algum propósito. Por isso mesmo pode ser criticado, transformado, e, até mesmo destruído.

E ainda:

Foucault considera que a filosofia pode mudar alguma coisa no espírito das pessoas. Sendo um crítico de nossa situação, Foucault apresenta também a possibilidade de rejeitar o que a própria humanidade produziu. Assim ele renova a filosofia ao analisar temas inéditos e de um modo inédito. Seu pensamento vem sempre engajado em uma tarefa política ao evidenciar novos objetos de análise, com os quais os filósofos nunca haviam se preocupado. Entre eles se destacam: o nascimento do hospital; as mudanças no espaço arquitetural que servem para punir, vigiar, separar [...] (ARAÚJO, 2009, p. 225).

E o ensino de Filosofia em toda a sua esfera contribui significativamente para a superação de uma identidade sem voz, sem participação ativa na sociedade e que até então aceitava tudo o que lhe era imposto para a desconstrução do indivíduo oprimido, o qual crítica, pensa, discute, reconhecendo sua importância e seu papel de protagonista na própria vida.

A seguir as considerações sobre disciplina, tema central do estudo, a partir do autor de "Vigiar e Punir", Michel Foucault.

2.1 A DISCIPLINA EM FOUCAULT

Há várias caracterizações acerca do conceito de disciplina, de acordo com o Dicionário Aurélio Online (2015) ela é compreendida como:

1 Conjunto de leis ou ordens que regem certas coletividades; 2 Boa ordem e respeito; 3 Submissão, obediência; 4 Instrução e educação; 5 Ensino; 6 Ação dirigente de um mestre; 7 Estudo de um ramo do saber humano; 8 Autoridade; 9 Obediência à autoridade; 10 Conjunto de tiras ou correias usadas para flagelação; 11 Tomar disciplina: flagelar-se.

Para Foucault, como abordado anteriormente, a disciplina é caracterizada por práticas de vigilância e punição aos indivíduos, a fim de dividir os sujeitos em normais e anormais, a partir de métodos que permeiam o controle meticuloso das definições do corpo, suportando a submissão constante através de forças impostas com intuito de promover a relação “docilidade-utilidade”. A disciplina e seus

processos existem há algum tempo, conforme relata Foucault em *Vigiar e Punir* (2009, p. 118-119):

Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. [...] O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna mais obediente quanto é mais útil, e inversamente (FOUCAULT, 2009, p. 118-119).

Configurada como uma prática coercitiva de trabalho sobre o indivíduo manipulando suas atitudes, ou seja, como descreve Foucault, uma “mecânica de poder” definido por meio do domínio para que se opere como se quer. Logo se concebe uma teoria geral do adestramento, unindo o corpo analisável ao corpo manipulável, podendo ser submetido, transformado e aperfeiçoado. Impondo-lhe limitações, proibições ou obrigações. Mas em primeiro lugar sobrepõe-se o controle:

[...] não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais [...] (FOUCAULT, 2009, p. 118).

No entanto, o processo de manipulação é concebido satisfatoriamente pelo capitalismo, já que ao ser manipulado o indivíduo torna-se mais eficiente e produtivo, em razão de que não discorda, não questiona e desempenha tudo que é solicitado, originando um progresso na produção. Esses métodos permeiam o controle direto das operações do corpo, realizados constantemente a partir de forças e imposições, chamadas de as “disciplinas” dispensam uma relação de violência e utiliza-se os efeitos de utilidade, direfentemente da relação de domesticidade – que é frequente. Pois ainda, segundo Foucault (2009, p. 119):

[...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita.

O corpo sob coerção disciplinar é determinado a aumentar sua aptidão de dominação, como a exploração econômica é separada da força e da produção do trabalho, originando uma relação de subordinação estrita. E as técnicas disciplinares se generalizaram consideravelmente (o que tem sua relevância, uma vez que delimitam a conduta política do poder, ganhando cada vez mais espaço de disseminação, difusão e mutação do regime punitivo na contemporaneidade). O poder disciplinar controla a sociedade, produzindo mecanismos para moldar o comportamento dos indivíduos e para Foucault (2009, p. 120) não devem ser atribuídos a uma apropriação, mas sim a táticas, técnicas e funcionamentos que não se efetivam somente nas prisões, mas também nas escolas, nos hospitais, nos quartéis e nas sociedades, por meio de mecanismos de vigilância e controle utilizados por classes e reconhecido pelos dominados. O exercício do poder é visto pelo autor como uma microfísica e suas relações funcionam como exercício de poder e produção de saber. E os dispositivos de poder disciplinar operam pela minuciosidade e pelo detalhe, extraindo e aumentando a força produtiva do corpo. Por outro lado diminui-se a força política e a população será objeto de poder de fácil manipulação. Como descreve Foucault (2009, p. 121):

Uma observação minuciosa do detalhe, e ao mesmo tempo um enfoque político dessas pequenas coisas, para controle e utilização dos homens, sobem através da era clássica, levando consigo todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saber, de descrições, de receitas de dados. E desses esmiuçamentos, sem dúvida, nasceu o homem do humanismo moderno.

Após distribuir os indivíduos em espaços específicos e fechados sobre si mesmos, a disciplina garante a obediência hierárquica pela necessidade de organizar os espaços com rigor a fim de estabelecer ligações operatórias, demarcando valores. Também organiza *o horário, a elaboração temporal do ato, o corpo e os gestos correlatos. Articula corpo-objeto e sua utilização exaustivamente*. E para proceder determinada subordinação há, como já reportado, um conjunto de regras e leis pré-estabelecidas, conhecidas como "norma", "lei", "tradição", "o normal", que uma vez seguidas efetivarão os percursos da manipulação do indivíduo, como veremos no próximo subtítulo.

2.1.1 Normalização do indivíduo pela disciplina

A norma conforme Foucault (2009, p. 153):

Aparece, através das disciplinas, o poder da Norma. Nova lei da sociedade moderna? Digamos antes que desde o século XVIII ela veio unir-se a outros poderes obrigando-os a novas delimitações; o da Lei, o da Palavra e do Texto, o da Tradição. O Normal se estabelece como princípio de coerção no ensino, com a instauração de uma educação estandardizada e a criação das escolas normais; estabelece-se no esforço para organizar um corpo médico e um quadro hospitalar da nação capazes de fazer funcionar normas gerais de saúde [...].

A citação acima comprova que a "norma" é originada pelas disciplinas e seus poderes. Já em relação ao "normal", estas são regulamentações sobre as formas de poder, advindos do final da era clássica acompanhados de privilégios que tendem a ser acrescidos por um conjunto de graus de normalidade – corpo social homogêneo, com função de hierarquização de lugares, ao mesmo tempo em que individualiza também obriga a homogeneidade. O poder funciona como norma dentro de um sistema de igualdade formal pois é regra, resultado de uma medida de diferenças individuais. Isso é concebido com uma facilidade em relação a convivência nos mais diferentes espaços, uma vez que os indivíduos precisam exercitar e viver diariamente o espírito de coletividade. Mas quando abordamos o "normal", este estabelece o princípio de coerção no ensino, resultando em uma educação opressora e não transformadora socialmente, com intuito de ceifar a promoção da participação e o desenvolvimento de seus indivíduos, revivendo árduos tempos de repressão, sem liberdade de expressão (FOUCAULT, 2009, p. 153-154). Como nas épocas do ensino tradicionalista, o qual o professor era o centro, detentor do conhecimento e o aluno era considerado um sem ser luz, sem conhecimento prévio como uma folha em branco prestes a ser preenchida, sem nenhuma possibilidade de questionamento ou direito de expressar suas opiniões e onde os conteúdos eram memorizados apenas para sua verificação em testes, que logo eram esquecidos, comprometendo assim a efetivação da aprendizagem e a nota era classificatória e punitiva.

Ao abordar a disciplina, esta deve ser considerada em seus mais amplos contextos, sobretudo na segregação a fim de que “trata-se de um mecanismo de extração da verdade, exclusivo das técnicas anônimas e funcionais presentes nas diversas instituições modernas”. E ainda para Foucault (2009, p. 154):

[...] o poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir os desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras. Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade que é a regra, ele introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais.

As regulamentações são reconhecidas para o bom convívio em sociedade de forma geral, pois os indivíduos desde o momento de seu nascimento são seres sociais e sempre estarão relacionados uns com os outros. Mas é indispensável ao levar essa temática para sala de aula propor e instigar a reflexão aos adolescentes, até que ponto é positiva e negativa para a sociedade e principalmente aos indivíduos. Propositamente para que não seja mecanismo de alienação dos indivíduos, mas sim para que abra seus horizontes. Para que o estabelecimento de regras seja algo natural bem como seu cumprimento, não apenas porque haverá uma punição, ou seja, como menciona Foucault (2009, p. 154):

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado.

O exame é concebido como cerimônia de poder e está no “coração “ dos processos de disciplina, manifestando a sujeição dos objetos sujeitados, assumindo visivelmente resplandecência. Da mesma forma que a escola pode ser considerada instrumento de exame ininterrupto, visto que acompanha todas as operações do ensino, compara cada um com todos e por fim mede e sanciona a aprendizagem, como na Pedagogia Tradicional.

2.1.2 Técnicas disciplinares e dispositivos de segurança

Para Candioto (2015, p. 03):

As tecnologias disciplinares jamais são simplesmente instrumentos neutros; elas estão intrinsecamente vinculadas a práticas de dominação [...] As técnicas disciplinares compõem uma microfísica do poder e a constituição de um saber do corpo, tornando-se objeto de cálculo e manipulação em quase todas as práticas institucionais modernas.

E ainda:

Para ilustrar essas relações entre a atuação da lei e as técnicas disciplinares lançarei mão do modo como Foucault analisa, em meados de dos anos 1970, o domínio da política da criminalidade. Até o final do século XVIII, a criminalidade geralmente concentrada nas práticas do roubo, incêndio e assassinato, caracterizava uma maneira de enfrentar o poder estabelecido e tinha um valor político de transgressão. Desde o século XIX, porém, procurou-se “criar uma esfera criminalizada específica, uma camada que deveria ser isolada do restante da população. [...] E esta camada, essa minoridade isolada foi utilizada pelo poder para inspirar o medo ao restante da população, para controlar os movimentos revolucionários e sabotá-los” (CANDIOTTO, 2015, p. 04).

Desta forma abrem-se precedentes para se pensar que as técnicas disciplinares e os dispositivos de segurança não visariam apenas propriamente punir ou reprimir, mas colocar em “funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de compração, espaço de diferenciação e princípio de regra a seguir” (FOUCAULT, 2009, p. 152). O que também para CandiOTTO (2012, p. 22):

as técnicas de poder disciplinares, além de extração de comportamentos por mecanismos de recompensas e punições e da constituição de saberes normalizadores centralizados no exame, produziram também uma nova economia do poder para além do sentido que demos à vigilância, figurada pelo panóptico de Bentham.

O panoptismo citado na obra *Vigiar e Punir* (2009) diz respeito à retribuição da total observação, integral apoderação por parte do poder disciplinador da vida do indivíduo. Vigiado o tempo todo, sem que perceba o seu observador ou o momento em que está vigiando, nem que saiba qual momento está sendo vigiado. E ainda:

Afinal de contas, o corpo dócil, efeito das disciplinas, é o mesmo corpo útil do operário da fábrica. O controle político do corpo é acompanhado de sua maximização produtiva na economia capitalista. Não obstante, a novidade desta economia produzida pelas disciplinas não pode ser entendida somente nos quadros legais de produção e acúmulo da riqueza. Convém também situá-la nos mecanismos ilegais de utilidade produtiva e conveniência política (CANDIOTTO, 2012, p. 22).

Entretanto CandiOTTO (2012, p.22) menciona que Foucault (1987) descreve em seu livro de 1975, que depois da Revolução Francesa:

[...] foram muito frequentes os ilegalismos políticos produzidos por lutas sociais que ameaçavam as classes políticas dirigentes. A fim de sufocá-los, seria preciso produzir outro ilegalismo que fosse economicamente lucrativo e politicamente neutro para a burguesia.

A delinquência será esse novo ilegalismo, na medida em que ela fornece quadros disponíveis para todos os circuitos do dinheiro da prostituição, do tráfico de armas e de drogas. Nesse aspecto, o aprisionamento se apresenta como o meio mais adequado para produzir a delinquência, já que são sempre os mesmos que retornam frequentemente às mesmas celas prisionais.

Tal informação é comprovada, sobretudo, pelos altos índices de reincidências dos indivíduos, ou seja, em outras palavras “o tiro saiu pela culatra”. Conforme Candiotto (2014, p.4) ao citar Vigiar e Punir:

Deveríamos então supor que a prisão e de uma maneira geral, sem dúvida, os castigos, não se destinam a suprimir as infrações; mas antes a distingui-las, a distribuí-las, a utilizá-las; que visam, não tanto tornar dóceis os que estão prontos a transgredir as leis, mas que tendem a organizar a transgressão das leis numa tática geral das sujeições. A penalidade seria então uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles. Em resumo, a penalidade não “reprimiria” pura e simplesmente as ilegalidades; ela as “diferenciaria”, faria sua “economia” geral. [...] Os castigos legais devem ser recolocados numa estratégia global das ilegalidades. O ‘fracasso’ da prisão pode sem dúvida ser compreendido a partir daí (FOUCAULT, 2000, p. 226-227).

Em relação aos dispositivos de segurança, vale citar os de novos saberes, como por exemplo, os das estatísticas e das telecomunicações, que ambas operam em níveis diferentes do sistema legal. O que de acordo com Candiotto (2014, p. 6) ao mencionar Foucault mostra que os " Estados contemporâneos governam e procuram legitimar sua soberania mais pelos dispositivos de segurança e sua articulação com novos saberes, como os acima apontados, do que pelo próprio ordenamento jurídico" (CANDIOTTO, 2014, p. 6).

A seguir, para dar continuidade a discussão da seguinte temática, será abordada a relação das instituições prisionais com as escolares.

2.1.3 Relação das instituições prisionais e escolares

Visto que a Educação brasileira é reconhecida como um Direito, mais ainda, dever do Estado e da Família, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394 de 1996, é garantida também para os indivíduos com privação de liberdade – sistema prisional, também dever do estado ofertá-la. Ambas em suas peculiaridades, instituições escolares e prisionais, relacionam entre si pela oferta de aprendizagem, a primeira com intuito de transformar e reinserir o indivíduo na

sociedade, a segunda além de inserir na sociedade também preparar para o mercado de trabalho. Principalmente pelo sistema escolar ser uma oportunidade direta ao ingresso do mercado de trabalho, contribuindo para a valorização pessoal e social do indivíduo, amenizando o preconceito e estigma de ter passado pelo sistema profissional.

É claro que devemos analisar cuidadosamente, para que não haja segregação ou comparação desleal entre uma e outra, mas em relação ao tema central, a disciplina, as duas trazem consigo características da temática, uma vez que ambas também agrupam um conjunto de regras, normas, regulamentações, entre outros, conforme aborda Foucault (2009).

Entretanto o ensino em ambas, é concebido como uma grande oportunidade de inserção e retorno as atividades da vida cotidiana, possibilitando o retorno há uma vida com dignidade, além de proporcionar diversas possibilidades de reestruturação. Além do conhecimento proporcionar aos indivíduos uma relação de poder, quem detém o conhecimento dominará quem não tem, se é que podemos assim dizer, como veremos no próximo capítulo.

3 FOUCAULT E O PODER

De acordo com Branco (2015, p. 3) ao citar “Habermas (1985 apud ROUANET, 1987), Foucault é considerado um pensador pós-moderno-anarquista, já que rejeita tanto a modernidade cultural como a modernidade social e supostamente estaria entre os que condenam a modernidade cultural pela razão iluminista - agente da dominação, e a modernidade social – a repressão política e econômica”. Ainda para Branco (2015, p. 3) ao mencionar “Rouanet (1987, p. 220) diz que Foucault não recusa o saber, mas busca sua cientificidade pela metodologia arqueogenealógico, rejeitando efeitos do poder em relação à ciência, ou seja, para ele (Foucault) o saber ou saberes, estão localizados nas ciências oficiais” (BRANCO, 2015, p. 3).

Ao analisar o que Foucault entende por poder, é possível delinear que ele descreve-o como instrumento de constituição do sujeito, através da autodisciplina e da autonomia advinda do artifício racional. Usado como um acordo, para controle da satisfação, contrato de troca entre a sociedade e os indivíduos, comercialização atendendo o esquema político. E de que não há uma teoria de poder, mas a compreensão de que este é originado historicamente, instrumentalmente e teoricamente a partir de suas especificidades. Há ainda, a correlação entre os indivíduos e a técnica de composição dos elementos “poder e saber” (FOUCAULT, 2009, p. 161). Desse modo:

O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a “disciplina”. Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos e objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (FOUCAULT, 2009, p. 161).

Então o indivíduo é visto meramente como um ser ou algo no imaginário, e não de acordo com sua importância ou seu contexto, predominando novamente as relações de domínio, persuasão, entre outros tantos mais sinônimos. Em tese pode-se compreender que os titulares de conhecimento estarão sempre acima dos demais, uma vez que o conhecimento está diretamente atrelado ao “poder”. E quem não o detém está predestinado a ser subordinado aos demais, pois “saber é poder”. Conforme afirma Branco (2015, p. 5-6):

É, portanto, do conhecimento do poder e de sua produção que se formam os saberes e o próprio indivíduo. O poder é independente do Estado e não será o controle deste que fará desaparecer ou transformar essa rede de micropoderes. O poder se exerce por estratégias, por manobras.

Assim é possível vincular as práticas da microfísica das relações de saber-poder com a disciplina, pois ambas manipulam as instituições modernas e referem-se sobre a construção da verdade sobre o indivíduo, o qual não tem participação nesta construção sobre si, ou seja, tal concepção é construída pela hierarquia do poder que julga, classifica, mede e direciona suas convicções mentais para a realização de ações, assumindo atitudes e padrões de pensamentos utilizados ao máximo ainda pelos mecanismos de poder.

A seguir trataremos sobre a realidade da proibição de tudo o que contraria a vontade soberana: o que não se deve fazer como cumprimento da lei e da ordem sobre o comportamento esperado.

3.1 O QUE É CERTO É CERTO OU POR QUE SE É VIGIADO?

Ao declarar-se peste em uma cidade, de acordo com Foucault (2009) faziam-se necessárias algumas medidas a fim de que se evitasse seu alastramento:

Em primeiro lugar, um policiamento espacial estrito: fechamento, claro, da cidade e da “terra”, proibição de sair sob pena de morte, fim de todos os animais de errantes; divisão da cidade em quarteirões diversos onde se estabelece o poder de um intendente. Cada rua é colocada sob a autoridade de um síndico; ele a vigia; se a deixar, será punido de morte. No dia designado, ordena-se todos que se fechem em suas casas: proibido de sair sob pena de morte. O próprio síndico vem fechar, por fora, a porta de cada casa; leva a chave, que entrega ao indente de quarteirão; este conserva até o fim da quarentena.

E ainda:

[...] A inspeção funciona constantemente. O olhar está alerta em toda parte: “Um corpo de milícia considerável, comandando por bons oficiais e gente de bem”, corpos de guarda nas portas, na prefeitura e em todos os bairros para tornar mais pronta a obediência do povo, e mais absoluta a autoridade dos magistrados, “assim como para vigiar todas as desordens, roubos pilhagens”. Às portas, postos de vigilância; no fim de cada rua, sentinelas (FOUCAULT, 2009, p. 162).

A citação acima retrata em seus aspectos o sistema de registro permanente, com a constância de elaboração de relatórios contendo “nomes, idades, sexos, sem exceções”. Contendo ainda alguém para a verificação diária. Espaços fechados e

vigiados, em seus mais diversos movimentos, controlando e registrando tudo, sem interrupção de trabalho e o poder exercido sem delegação, seguindo a figura de hierarquia. Cada indivíduo localizado frequentemente, examinado e distribuído entre vivos, doentes e mortos. Constituindo assim o modelo disciplinar, que neste caso corresponde ao controle para a erradicação da peste, “por meio de um poder onipresente e onisciente que se subdivide ele mesmo de maneira regular e ininterrupta até a determinação final do indivíduo, do que o caracteriza, do que lhe pertence, do que lhe acontece” (FOUCAULT, 2009, p. 164).

Neste caso, a disciplina é exercida para evitar a proliferação da terrível peste, pois para o autor as relações de poder multiplicam-se, articulam-se e subdividem-se:

[...] os pestilentos são considerados num policiamento tático metuculoso onde as diferenciações individuais são os efeitos limitantes de um poder que se multiplica, se articula e se subdivide. O grande fechamento por um lado; o bom treinamento por outro (FOUCAULT, 2009, p. 164).

Trabalhando com métodos de repartição e controle individual configura-se o “Panóptico de Bentham” – figura arquitetural em forma de torre, dividida em celas e conhecido na periferia, possibilitando a ver-se e reconhecer-se imediatamente induzindo o “dentento ao estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder”. E ainda:

[...] O Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder. [...] funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes de poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça (FOUCAULT, 2009, p. 167-169).

Constantemente nos deparamos com diversos conjuntos de regras, que prevêm o que é certo e o que é considerado errado, mas esta é uma questão que tem sua relatividade, pois o que é certo para uma pessoa pode não ser para a outra e vice e versa. Então digamos que sempre espera-se uniformizar, universalizar ou simplesmente padronizar, para facilitar o modo de governança, mesmo que ainda esse padrão esteja bem distante. Entretanto, é muito importante a reflexão: O que é certo é certo ou porque alguém está viajando? Aqui por sua vez retrata o sistema prisional, sobre o qual descreve Candiotta (2014, p. 12):

[...] Não se trata simplesmente de obedecer a uma proibição porque ela emana da lei em si, ou de conduzir-se com lisura e transparência para adequar-se, sem mais, a uma ortopedia moral. Antes, trata-se de seguir a lei e comportar-se de acordo com a norma porque elas são economicamente compensatórias.

Mas, será mesmo? Seguir a lei porque é simplesmente algo compensador? Com interesses de trocas ou porque deva ser um conjunto de regras e princípios atrelados à moral? Ao propor tais questionamentos remete-se ao pensamento filosófico, buscando por sua vez possíveis respostas. Ao retomar a temática, ainda Candiotta (2014, p. 17) baseado na tese de Foucault diz que:

[...] esses dispositivos não foram criados para proteger as liberdades. Pelo contrário, o respeito e a proteção das liberdades não passam de estratégias internas dos próprios dispositivos de segurança para governar de maneira mais eficaz a realidade constituída pelo ambiente do mercado. A ênfase da relação entre liberdades e técnicas disciplinares é deslocada pela articulação entre liberdades e dispositivos de segurança.

E ainda:

[...] Os dispositivos de segurança não são os complementos das disciplinas ao nível infraestrutural a partir dos quais seriam projetadas as liberdades formais. Seria, portanto, insuficiente somente estabelecer as diferenças entre disciplina e dispositivos de segurança se permanecesse intocável a maneira como estas duas tecnologias políticas são posicionadas em relação às liberdades (CANDIOTTO, 2014, p. 17).

De acordo com os comentários de Candiotta (2014) baseados em Foucault, os indivíduos farão ou agirão de acordo com a lei temendo os dispositivos de segurança e seus desdobramentos futuramente, estes, como já mencionado, são implementados para facilitar o modo de governabilidade, a fim de que a liberdade seja um trunfo para o respeito e a proteção. E ao levar a discussão até as salas de aula do ensino médio, abre-se espaço para todas as formas de pensamentos, mas ainda prioriza-se o direcionamento das discussões de acordo com o que os autores e seus seguidores consideram como ético e moral. Entretanto, existem consensos sobre o que é certo e sempre será certo (pois do contrário haverá consequências), diretamente relacionados às próprias escolhas do indivíduo. E independentemente de recompensa ou não existem formas de vigilância e de controle. No próximo item breves comentários sobre a importância da disciplina para a sociedade.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA PARA A SOCIEDADE

A grosso modo e no contexto sobre qual encontra-se a sociedade, do poder abordado por Foucault surge o biopoder, que para Araújo (2009, p. 224):

[...] seus mecanismos de regulação, controle e segurança das populações, através de políticas de saúde, estatísticas sobre natalidade, mortalidade, uma nova economia política liberal que transformam a sociedade em uma eficiente máquina de produção.

O que também não deixa de ser uma estratégia para o controle dos indivíduos, vistos através de taxas, índices, entre outros, e não em sua totalidade, apenas números que originarão em recursos financeiros para o atendimento de suas necessidades básicas ou perto delas. Mas é claro que ainda é essencial o cumprimento de regras, pois seria um terror total imaginarmos um mundo, uma sociedade sem regras, mesmo que por um segundo. Contudo Araújo (2000, p. 224) diz que:

[...] Foucault contrapõe a essa cultura da vontade de verdade, uma ética do cuidado de si como prática de liberdade. Em lugar da pretensão ao conhecimento decifrador da verdade depositada no sexo, ele propõe uma estilística da existência, em certa medida inspirado no modo de viver dos gregos e os latinos. Não há regras rígidas, cada um tem seu modo próprio de moderar e modular o uso dos prazeres e fazer de sua existência, uma bela existência.

Portanto ainda, acredita-se que:

[...] é um pensamento que leva à crítica de nossa sociedade, à reflexão sobre a condição humana, mostra que a violência e o poder não são imediatamente visíveis, mas também não são escamoteados ou escondidos como as ideologias. Pelo contrário, são práticas que regulam o que alguém diz e a quem diz, em que circunstâncias. Não há verdades evidentes, todo saber foi produzido em algum lugar, com algum propósito. Por isso mesmo pode ser criticado, transformado, e, até mesmo destruído (Araújo, 2009, p 224).

Para Foucault espera-se que todos conquistem conhecimentos e saberes, predominando uma uniformidade. O que talvez seja utópico, pois sempre haverá, mesmo que ainda em pequena escala, dominantes e dominados. E a escola nada mais é que uma amostra desses dominantes e dominados, uma amostra da sociedade que não é diferente. Desta forma, também precisa de regras para uma boa convivência e para a efetivação da qualidade do ensino, que também é medida por índices, números, avaliações, entre outras, buscando a garantia e a efetivação

do direito da oferta do ensino para todos, inclusive aos que não tiveram acesso em idade adequada (LDB/939496), perpetuando o compromisso (disciplina).

3.3 REFLEXÕES SOBRE A DISCIPLINA NA ESCOLA

Em relação a disciplina na escola é importante considerarmos que muitos professores passaram bruscamente da condição de alunos para educadores e passaram a enfrentar as diversidades ou adversidades de um ambiente escolar e que a inexperiência é suprida pelo convívio entre os pares. O que de acordo com Pires (1999):

Assim como um médico, em sua formação acadêmica, de modo geral não é preparado psicologicamente para receber os inevitáveis impactos e problemáticas características de sua profissão, também o professor geralmente não recebe por parte da escola e por comodismo próprio o suporte para administrar esta série de microcosmos com diferentes composições genéticas, origens, histórias, famílias, expectativas, pensamentos, experiências etc.

Por sua vez, umas das maiores dificuldades encontradas pelos professores é a indisciplina na educação. Alvo de preocupação e desafio de todos: escola, equipe diretiva, equipe pedagógica, pais e professores, entre outros membros do contexto escolar. E quais são as posturas das equipes dentro da escola? Autoritária, conformada, comprometida, desesperada, desanimada, consciente? Ainda para a autora:

Essas relações mostram-se alienadas. O professor espera que a classe faça silêncio para poder dar aula; o aluno quer logo ir embora e receber a nota; a direção não quer problemas e os pais querem que o filho seja aprovado objetivando a ascensão social. [...] O professor que apenas quer obter o silêncio tem visão estreita. Os repressores conseguem uma disciplina que se esvai quando os alunos não estão na sua presença (PIRES, 1999).

Remetendo-se ao velho modelo disciplinar abordado anteriormente por Foucault a respeito de controle, da coerção, da submissão e da obediência, o professor ao adentrar na sala não está sozinho, junto dele estão os colegas de trabalho, os demais funcionários, as tão temidas regras, as vivências, ou seja, o contexto representado por toda a instituição. Também representado por direcionamentos de ensino e controle, das atividades, das equipes, das quais também são orientadas a seguirem fielmente protocolos: elaboração de regimentos internos, propostas pedagógicas, planos de aula, ou seja, segue-se uma hierarquia.

Com avaliações internas e externas, e ainda busca-se a tão discutida gestão democrática do ensino.

O que de acordo com Pires (1999) “o ideal seria mostrar os limites e também possibilidades, geralmente esquecidas. A educação por coação produz uma personalidade dependente, imatura e pouco criativa”. Maravilhoso seria o resgate e o direcionamento de valores, abrindo espaço para todas as contradições, sendo elas sociais, políticas, econômicas, culturais, em uma visão dialética. A fim de que a disciplina seja um ideal de interação, participação, respeito, sobretudo de responsabilidade para a construção do ensino e da aprendizagem na escola em todos os níveis de formação. Pires (1999) ainda cita Gramsci (1982, p. 36), quando ele diz que a disciplina deve formar o aluno "como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige", ou seja, ainda que se perpetue a situação de controle, mesmo que ainda em pequena proporção, a disciplina estará presente nos mais diversos contextos, incluindo o escolar.

A seguir serão retratados as abordagens de disciplina e de poder em Foucault nas salas de aula do Ensino Médio.

4 A DISCIPLINA E O PODER EM FOUCAULT NA SALA DE AULA

As abordagens em Foucault sobre disciplina e poder visam o trabalho em sala de aula, a fim de que se verifique e analise diversas possibilidades de abordagens metodológicas sobre a temática, bem como possíveis práticas para a proposta de aprendizagem. À vista disso, é importante retratar a Filosofia, disciplina do currículo do ensino médio, com tal importância, refletindo e determinando objetividade aos conteúdos propostos ao seu ensino. A partir de histórias, temas, problemas – garantindo assim a efetividade do impulso ao pensamento filosófico no aluno, como aponta Carvalho (2013, p. 19):

[...] a reinserção da Filosofia no nível médio se constitui em algo ao mesmo tempo novo e bastante amplo, o que implica um desafio fundamental, que é o de delimitar o sentido que a filosofia pode ou deve ter no contexto do ensino médio. Essa delimitação, no entanto, não pode ser feita em abstrato, mas só poderá ser o resultado de uma experiência didática concreta que envolve a formação dos docentes [...] a produção de material didático, as condições institucionais e de infraestrutura e a prática efetiva nas salas de aula [...] combinando a preservação da especificidade da filosofia – a importância dos textos dos filósofos, a importância do trabalho propriamente conceitual – com as condições objetivas da sua inserção no ensino médio.

Posto que para o ensino de Filosofia algumas questões são fundamentais para futuros desdobramentos que originarão em perguntas filosóficas, revelando ainda que é necessário questionar, discutir e argumentar para aprender e ensinar a pensar filosoficamente, analisando as temáticas propostas com a profundidade que lhe é indispensável a partir de diversos autores e seus textos filosóficos. Assim, para o ensino de Filosofia sugere primeiramente a abordagem histórica, em seguida a temática e por fim a problemática – que discute os pontos principais.

Em entrevista a Carvalho (2013, p. 20) Favaretto diz que:

[...] a filosofia em sua relação com a tarefa fundamental da educação de jovens, à qual se chama de formação, entendendo-se por formação aquele trabalho que a escola realiza em todos os níveis, mas principalmente nos níveis fundamental e médio, que é o de possibilitar a inserção dos jovens nos domínios da cultura, da sociedade e da política, centrando este trabalho no domínio da linguagem, o que é fundamental para a garantia de um discurso consequente.

As citações e os breves comentários descritos acima, mesmo que em linhas gerais, comprovam a relevância da disciplina para o ensino médio descrevendo como poderá ser direcionada a abordagem pelo professor. Sendo assim, o presente estudo busca subsídios teóricos e práticos para as abordagens dos conceitos de

disciplina e por consequência Das relações de poder nas salas de aula do Ensino Médio. Procura também correlacionar as situações do cotidiano e a leitura de clássicos filosóficos, aproximando-as dos adolescentes, visto que para Foucault a Filosofia é concebida como algo de mudança que exerce e instiga o espírito transformador nos indivíduos com senso crítico da realidade e das situações, respeitando o que é produzido pela própria humanidade. Mais uma vez, reafirma-se sua total importância e primazia ao ensino e sua abordagem em sala de aula, mas de acordo com a linguagem dos jovens, para que compreendam tal significância. Entretanto, até que se chegue aos conceitos De Foucault sobre disciplina e poder, há com certeza para todos uma longa e árdua jornada com diversas etapas de aproximação e facilitação aos envolvidos no processo, através de trocas de experiências, conhecimentos, opiniões, até que se ocorra efetivamente a construção da aprendizagem que atualmente é concebida coletivamente.

Todas as concepções trazidas por este autor certamente influenciarão o modo de pensar dos adolescentes e mais ainda: complementarão o modo de vida como um todo, influenciando não somente os jovens, mas de forma geral o contexto da instituição de ensino. Podemos voltar os olhos para ainda mais longe, considerando todo o conhecimento prévio dos alunos, pois já perpassaram algumas etapas tanto de vivências de mundo como do sistema escolar, os conceitos são assimilados, acomodados e em seguida transformados. Uma vez que após trabalhado em sala de aula poderá ser expandido em futuras conversas fora do contexto escolar, pois levarão consigo todos os conceitos trazidos pelo professor de filosofia.

Remetendo-se a metodologia de ensino, compreende-se que mais uma vez, para o ensino de Filosofia a abordagem mais adequada é a de questionamentos e indagações, ou seja, situações problemas, propondo em seguida que pensem a respeito da problemática apresentada, ou até mesmo, propositalmente, abra-se espaços para as primeiras tempestades de ideias sobre o assunto, e somente ao término as considerações ou complementações do Professor, para que não influenciem as respostas dos alunos, para que prevaleça o incentivo do desenvolvimento do pensamento, de forma crítica conforme apontam Guido; Gallo; e Kohan (2013, p. 101-102):

A pergunta pelo método é, então, em sua origem, uma pergunta espacial, geográfica e que chama a pensar certo deslocamento no espaço do pensar: de que maneira percorreu-se nele um caminho que possibilitou uma aprendizagem ou um ensino? Quais passagens no pensamento propiciaram e possibilitaram uma aprendizagem ou um ensino de filosofia? Por quais espaços do pensar se transitou para chegar a aprender ou ensinar filosofia?

Desta forma, para o trabalho da obra *Vigiar e Punir* (2009), inicialmente será explanada a abordagem histórica do autor e sua obra através da seguinte questão:

a) Quem é Michel Foucault?; em seguida: b) O que o autor aborda em "*Vigiar e Punir*"? e por fim: c) Como o autor caracteriza a disciplina e as relações de poder?

Os questionamentos originarão sempre em novas e assim sucessivamente, esmiuçadas indagações. Como por exemplo: para o autor o que acontece com quem desrespeita as regras de bem comum? Por que cumprir regras? Por que existem regras? Por que consideramos o que é errado errado? E na medida em que surgem possíveis respostas, concretiza-se o pensamento filosófico.

Ao término de cada conceito, etapa e conteúdo - o professor proporciona o desenvolvimento e o aprimoramento das capacidades de argumentação, conceitualização, reflexões e diálogos.

5 ANÁLISE DO DADOS PESQUISADOS

Neste capítulo dá-se conta da discussão sobre a temática abordada através da apreciação das ideias do autor Michel Foucault e demais teóricos. Ainda da interpretação dos conceitos relacionados à disciplina e as relações de poder, à serem trabalhadas no ensino médio, visto que a pesquisa tem como tema abordagens para o ensino de Filosofia a partir da obra de Foucault "Vigiar e Punir". Desta forma, guiou-se pelo objetivo geral de buscar a promoção e a reflexão, bem como a resposta do seguinte problema de pesquisa: Quais as abordagens a obra de Foucault traz para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio? A referida investigação, além de tomar como apoio a obra Vigiar e Punir (2009) também tomou por sustentação a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9394/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Normatizações que orientam e garantem a oferta do ensino brasileiro, também norteiam os conteúdos e as estratégias de aprendizagem.

Nessa trajetória pretendeu encontrar subsídios para o ensino de Filosofia, a fim de garantir sua efetividade nas aulas do ensino médio. Analisa-se que a disciplina apontada por Foucault (2009) está presente nos mais variados espaços de convivência, uma vez que os sujeitos se constituem no coletivo, e ainda para o autor a disciplina de Filosofia é concebida principalmente por práticas de vigilância, punição e coerção também coletivas. Entretanto é importante considerar que ela engloba diversos fatores de acordo com sua óptica. Porém ao professor do Ensino Médio cabe transformar e adaptar os conhecimentos filosóficos às práticas da Educação Básica – Ensino Médio, na medida que apresenta os conceitos teóricos e em seguida media debates, ou até mesmo muito além, efetiva-se o conhecimento, incentiva e proporciona aos adolescentes a construção e a tomada de ciência a partir de suas próprias análises, com propriedade e embasamento crítico.

Constata-se ainda que as relações de poder estão atreladas diretamente à disciplina, visto que o controle, a coerção e tantos outros mais, são resultados de ambos: disciplina e poder.

Finalmente, conclui-se que o estudo identificou diversos direcionamentos para o ensino de Filosofia, mesmo com o seu retorno há pouco tempo ao currículo do Ensino Médio, é preciso considerar sua trajetória ao longo dos anos, principalmente para compreender todos os percalços e direcioná-la de forma adequada, atualizando e readequando os Projetos Políticos Pedagógicos de acordo com sua especificidade. De acordo com os princípios da democracia, da atuação e da emancipação de todos os indivíduos, por sua vez melhorando a qualidade e os índices do Ensino Básico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último capítulo abordam-se os resultados alcançados na pesquisa sobre abordagens para o ensino de filosofia a partir da obra de Foucault: Vigiar e Punir. A partir das consultas realizadas ao longo do curso de Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio, quanto às normas para a oferta da disciplina do currículo, o qual optou-se endossar pelas ideias de Michel Foucault e demais teóricos que fizeram parte deste estudo, constatou-se a importância do ensino desta disciplina. Segundo os teóricos, verifica-se que as instituições devem atender as peculiaridades da disciplina de Filosofia e do público em questão, fortalecendo e priorizando o desenvolvimento do pensamento filosófico nos adolescentes. Entretanto faz-se necessário compreender que esta disciplina e seu ensino são primordiais não somente para a grade curricular, mas também para os próximos anos de vida, assim como as demais disciplinas que estão entrelaçadas e são pré-requisitos para as etapas sucessivas. Constata-se que todos os envolvidos no processo escolar devem considerar a importância de uma base qualificada e bem estruturada para a garantia da total eficácia, priorizando a transformação e a participação social.

Nas instituições de ensino a participação deverá ser compreendida em sua amplitude desempenhando um papel crucial de readequação e transformação do indivíduo. Acompanhado da evolução do ensino e de suas práticas pedagógicas, abre-se ainda mais espaço para que a comunidade do entorno, a fim de que tenham voz e sintam-se pertencentes ao sistema de ensino, façam a diferença, contribuam para a qualidade das atividades e opinem, quando pertinente, no currículo, a fim de melhorar a qualidade da aprendizagem.

É pertinente mencionar que um dos maiores obstáculos para a realização desse estudo foi a dificuldade da compreensão dos conceitos de Michel Foucault, pela sua complexidade. Portanto, não se tem a pretensão de esgotar o tema. Certamente, outros virão com a possibilidade de uma análise mais aprofundada sobre a temática disciplina para o ensino de Filosofia no ensino médio.

REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. **A filosofia do ensino médio: ambigüidades e contradições na LDB**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

AURÉLIO, Dicionário on line. **Disciplina**. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/disciplina>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

BRANCO, Esther Maria de Sá Castelo. **Michel Foucault: saber-poder, método e verdade**. Disponível em: <<http://www.oab.org.br/editora/revista/users/revista/1222960301174218181901.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2015.

BRASIL. Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 8 set. 2015.

CANDIOTTO, Cesar. **Técnicas de poder, segurança e liberdade**. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/19459/14421>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

CANDIOTTO, Cesar. **Disciplina e segurança em Michel Foucault: a normalização e a regulação da delinquência**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24nspe/04.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

CARVALHO, Marcelo; CORNELLI, Gabriele. (org.). **A filosofia e seu ensino – entrevista com Celso Favaretto**. In Ensinar Filosofia, vol. 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

CARVALHO, Marcelo; CORNELLI, Gabriele. (org.). **Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas, problemas** – Humberto Guido; Silvio Gallo; e Walter Omar Kohan. In Ensinar Filosofia, vol. 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Boas-vindas à Filosofia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução Raquel Ramalhe. 34. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 – 288 p.

MARÇAL, Jairo (Org). **Foucault (1926-1984)** – Inês Lacerda Araújo. In Antologia de textos filosóficos. Curitiba: SEED-PR, 2009 – 736 p.

PIRES, Dorotéia Baduy. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301999000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 7 dez. 2015.

PCN'S. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

ROUANET, Sergio Paulo. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1994.